

OPINIÕES DE DELTA

5

- * Sobre uma caça ao tesouro
- * Sobre a Ordem dos Botões Azuis
- * Sobre Pastel

Por REX HAZLEWOOD

Encontrei o chefe **Sauro José Bartolomei**, no 1º Jamboree Nacional da UEB, em janeiro de 1999, ocasião em que ele me contou como foram feitos várias coleções de livretos como este.

Ele traduziu, mandou imprimir às suas custas alguns dos primeiros exemplares desta coleção. Doou os livretos à Editora Escoteira, que com o dinheiro obtido na venda, ele conseguiu fazer mais outros fascículos.

Entretanto, a UEB interrompeu o ciclo de fazer mais livretos, alegando que precisava dos valores para outros fins. Talvez seja por este motivo a informação que consta na contra capa interna do 8º fascículo.

OPINIÕES DE DELTA

5

* Sobre uma Caça ao Tesouro

* Sobre a Ordem dos Botões
Azuis

* Sobre Pastel

Por REX HAZLEWOOD



EDITORA ESCOTEIRA
UNIÃO DOS ESCOTEIRO DO BRASIL

“THE OPINIONS OF DELTA”
Edição de The Boy Scout Associatino – 1947

**À memória do Monitor Harry Howe
e do Submonitor David Maitland**

**A UEB homenageia o Chefe Sauro Bartolomei que
ajudou muito na 1ª edição desses livretos.**

**Os direitos autorais pertencem ao Autor que autorizou
expressamente esta tradução e adaptação brasileira da
Editora Escoteira**

1ª Edição – 1.000 exemplares – 1969

2ª Edição – 1.000 exemplares – 1984



Rex Hazlewood

SOBRE UMA CAÇA AO TESOURO

ABRIL

“A Corte de Honra da Tropa de Escoteiros,” disse Delta para a sua meia dúzida de seniores reunidos, “manifestou o desejo de realizar uma Caça ao Tesouro organizada por nós.”

Azul moveu a sua cadeira um pouco mais para perto. “Eu só fico imaginando,” disse ele com uma ponta de zombaria, “quem terá posto esta idéia nas suas cabeças...”

“Eu apenas mencionei que antigamente nós costumávamos fazer Caças ao Tesouro no meio da noite escura,” disse Delta rindo. “Mas havia lógica na minha loucura. Nós tínhamos concordado, um pouco antes, que os atuais Monitores da Tropa de Escoteiros seguiriam o exemplo de vocês, seus estimados predecessores, tornando-se seniores logo depois do meio do ano – após o aniversário da Tropa em agosto próximo. Nesta ocasião o Adriano já terá dado baixa do Serviço Militar e irá se encarregar da chefia da Tropa de Escoteiros...”

“E você será o Chefe da Tropa Sênior!” disse Pastel numa explosão de alegria. “Mas isso é exatamente o que nós todos queremos, não é, meus chapas?”

Azul disse: “É claro!” Dico fez com a cabeça que sim, sorrindo. Miguel disse em francês: “Ça va sans dire”, querendo dizer com esta frase que a resposta era óbvia. Rafael fez um sinal com o polegar para cima e Jôni disse afetuosamente: “Pode contar com todo o nosso apoio.”

“Creio que deverá ser divertido dirigir os seniores...” disse Delta. “Porém, enquanto isso não acontece, desejo dar à turma atual de Monitores muitas oportunidades de liderarem suas Patrulhas. A finalidade

desta nossa reunião é preparar as Caças ao Tesouro, noturnas, para os meses do inverno."

"E nós," disse Rafael, "é que organizaremos e realizaremos as Caças para a Tropa de Escoteiros?"

"Correto, Anjo," disse Delta. "A Tropa Sênior pode prestar valiosos serviços ajudando a organizar e a realizar atividades da Tropa de Escoteiros. Sugiro que se organizem três Caças ao Tesouro, uma para cada mês. Isso significa uma grande quantidade de providências, mas vale, a pena o esforço. A razão para realizar três é que, como na maioria das atividades Escoteiras, eles irão aprender muito na primeira vez; na segunda vez, eles irão usar o que aprenderam; e só na terceira vez eles estarão supertreinados e ficarão satisfeitos. Vocês conhecem a Balada do Mentiroso:

Quando eu disser uma vez,
Não creiam: é falsidade;
Quando eu disser duas vezes,
Incerta é a realidade;
Mas, quando eu disser três vezes,
Eu estou dizendo a verdade!"

"Você vai querer que as três caças tenham diferentes rotas, não é?" indagou Dico.

"E diferentes tipos de indícios, pistas e chaves para levarem as Patrulhas de um ponto para o outro, não é?" disse Azul.

"A escuridão da noite torna a caça muito mais excitante," disse Jôni. "suponho que não usarão bicicletas, não é, Delta? Mas, irão levar lanternas elétricas..."

"Correto," disse Delta. "É um excelente exercício para o **Espírito de Patrulha**, para a **Liderança** e para a **Engenhosidade**: incita os "caçadores", os descobridores das pistas e caminhos que levam ao tesouro, a empregarem todos os seus conhecimentos e os escoteiros mais jovens ficam cheios de excitação. Ora muito bem! Atualmente temos seis Patrulhas Escoteiras com cinco integrantes cada uma: isso significa que

necessitamos de seis indícios, pistas ou chaves em cada uma das vezes — 18 portanto. Cada Patrulha começa num ponto-chave diferente, de forma que todas irão fazer um percurso redondo — em outras palavras, cada uma, ao partir da sede, se dirige para um diferente lugar, onde recebe um indício que a levará para o ponto seguinte, onde nova pista a levará para novo ponto, e assim sucessivamente, ponto por ponto, até que o último dos seis indícios a levará de volta à sede e ao Tesouro. Façamos agora uma lista dos 18 indícios-chaves que teremos de providenciar.

“Serei o Escriba, como de hábito,” declarou Dico apanhando um bloco de papel.

“Não podemos ter 18 diferentes espécies de códigos, um para cada vez,” constatou Miguel.

“Sim,” disse Delta. “Nós temos o Código oficial da Tropa; e, daqui até lá, eu posso contar uma estória que apresente e instrua sobre alguns outros códigos — digamos: um simples código numérico e outro com uma palavra-chave com cifra — talvez na próxima semana.”

O Código oficial da Tropa usa o número do telefone de Delta: 3824, que todos conhecem. Assim, a primeira letra da mensagem em código, para ser decifrada, é substituída pela terceira letra, para trás, na ordem do alfabeto; a segunda letra se move 8 vezes para trás; a terceira letra, transforma-se na segunda para trás e a quarta letra, na quarta para trás. A quinta letra da mensagem se move para trás três vezes, e o ciclo recomeça. Uma mensagem em Código que se apresenta assim: HVESQ — DTEUC — GGRUF — IODCR — DNUZD — LCSDC — UIMCJ — SUIU — torna-se, quando traduzida ou decifrada na seguinte mensagem clara: ENCONTRAR-SER COM DELTA NA ESTAÇÃO ÀS SEIS HORAS. Como é óbvio, para transformar-se a mensagem clara na mensagem cifrada movem-se as letras para a frente tantas vezes como o número que lhe corresponde nos repetidos ciclos do número 3824. Usa-se o alfabeto comum: ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ; a mensagem cifrada é dividida em grupos de cinco letras.

Dico perguntou: “Posso anotar, então, esses três códigos, Delta?” Delta confirmou com a cabeça.

“Morse por luz,” disse Azul.

“Semáfora feita num cartão com bonecos desenhados do tipo “homem-pau-de-fósforo,” disse Jôni.

“Um quebra-cabeças de armar juntando pedaços recortados de uma figura ou de uma ficha com inscrições,” lembrou e anotou Dico.

“Os pedaços cortados serão pequenos, de forma que caibam todos numa caixa de fósforos,” completou Rafael. “Que tal um mapa, ou um esboço de mapa, sem nenhum nome, exceto do lugar onde estão quando o encontrarem, e tendo uma cruz marcando o lugar para onde devem ir?”

“Com essa idéia temos sete,” informou Dico.

“Perguntas para serem respondidas por uma palavra — por exemplo: Fêmea do Touro? Vaca. Principal estrela da constelação da Virgem? Espiga,” sugeriu Delta. “A letra inicial de cada resposta, na ordem em que se apresentam, dá a mensagem que eles precisam para chegar ao próximo ponto.”

“Uma mensagem amarrada num ramo alto de uma árvore, de forma que eles tenham que subir na árvore para poder apanhá-la,” disse Pastel.

Houve uma pausa enquanto todos pensavam; Delta tinha várias idéias, guardadas, como se costuma dizer, no bolso do colete, mas só em último caso ele as apresentaria, pois considerava uma valiosíssima parte do adestramento dos seus rapazes para a vida, treinar a imaginação de cada um, a inventiva de cada um, fazê-los pensar, meditar, raciocinar e refletir sozinhos: em suma, aprenderem a usar a própria cabeça.

“Não poderíamos,” disse Rafael, “dar-lhes uma mensagem... (qual a palavra que devo usar para explicar isso?)... encerrando um número de telefone — não é código! — que deve ser chamado, posta dentro de um envelope, onde se encontrará também o dinheiro necessário para fazer uma ligação de um Telefone Público? Naturalmente, o Monitor ligando para esse número e se identificando, um amigo do Grupo dará a informação sobre o ponto para o qual ele deve se dirigir. Mas, eu não quero dar o número do telefone por escrito (não sei se me

entendem...); quero dar uma frase por meio da qual ele descubra o número do telefone..."

"Continue," disse Delta.

"Que é que você quer dizer, Anjo?" perguntou Azul que ainda não havia entendido.

"Espere um pouco," disse Rafael, pedindo tempo para pensar num exemplo. "Olha, Azul, eu dou a você o preço exato de uma ligação de telefone público e esta frase: — "D. Pedro proclamou a independência do Brasil junto ao rio Ipiranga". Que você faria?"

"Primeiro, eu ia quebrar muito a cabeça olhando para a frase e para o dinheiro até me lembrar que aquele dinheiro dava exatamente para fazer uma ligação telefônica, concluindo daí que a frase me daria o número a chamar," disse Azul após pensar um segundo. "Depois de descobrir isso, que eu acho o mais difícil, o resto é fácil," continuou Azul sorrindo. "Se fosse numa cidade como a nossa, em que os telefones têm quatro algarismo, eu usava o ano e ligava para — um, oito, dois, dois. Se fosse nas cidades em que os telefones têm seis números eu usava a data de 7 de setembro completa, e discava para 79-1822. Muito boa idéia... Infernal, seu Anjo dos infernos!..."

"Se a ligação tivesse que ser feita para um número como esse, seria fácil preparar a mensagem," disse Jôni. "Mas vamos fazer a hipótese que nós temos um único amigo do Grupo com telefone, e que este telefone é 22-7343. Que frase você faria, Rafael?"

Rafael agora teve que pensar mais que um minuto, mas depois do silêncio disse: "Algo como: — "O preço do carro é 300.000 cruzeiros mas vocês podem comunicar ao nosso amigo que fiz um abatimento de 72.657 cruzeiros."

"Formidável!" disse Jôni com sincera admiração. "Isto serve para todos os casos e até facilita a descoberta... Anota isso, Dico!"

"Podemos usar uma cigarra para o Morse," disse o Pastel. As instruções seriam assim: "Acenda a sua lanterna à 5 metros do lilás do jardim do Dico e escute." O Dico, vendo a luz, manipula seu Morse, de modo que o som da cigarra vem trazendo a mensagem do quarto acima das suas cabeças."

“Os detalhes,” disse Delta, “Terão que ser ajustados com a rota do tesouro, porém isso podemos assentar mais tarde. Quantos temos até agora, Dico?”

“Onze,” disse Dico e juntou mais um: “Uma mensagem em linguagem pictográfica, isto é, aquela maneira dos índios peles vermelhas escreverem usando desenhos simbolizando palavras. Doze.”

“Letras marcadas com perfurações feitas com a ponta de um alfinete numa folha de jornal,” disse Azul. “Com a luz da lanterna elétrica eles as verão muito bem.”

“Precisamos de mais cinco,” disse Jôni.

“T-tenho t-três s-sugestões,” gaguejou Miguel: Um simples acróstico (todos eles devem se lembrar disso, que tantas vezes foi feito na hora de descanso após as refeições, no último acampamento); uma simples mensagem escrita que está escondida e tem que ser procurada: a eles só se dirá que uma mensagem está escondida na sala ou numa certa área e que eles devem procurá-la.”

“Qual sala?” disse Azul zombando.

“Uma rua curta seria melhor,” disse Dico.

“Está certo,” disse Miguel; e a terceira é uma sugestão enigmática...”

“Uma quê?” estranhou Pastel.

“Eu quero dizer que podemos usar como ponto de referência uma Delegacia de Polícia ou um Cinema. Então teremos como chave uma frase como esta: “A convite do Delegado, dali você verá o sol quadardo” — ou então esta outra frase: “Não é um hotel, mas na porta tem um porteiro com a farda cheia de galões dourados.” Ou ainda pode se usar o título do filme que estiver passando no momento.”

“Compreendi,” disse Delta. “Acho que é uma idéia aproveitável. Ainda precisa ser um pouco trabalhada, mas pode ser posta na lista.”

“Com esta, só faltam duas para completar as nossas dezoito,” salientou Dico.

“Há a nossa velha amiga tinta invisível,” disse Jôni, “com suco de cebola.”

“Fica a cargo deles encontrar a maneira de esquentar o papel em branco,” disse Rafael.

Dico escreveu e de novo sete pares de olhos ficaram procurando inspiração olhando para as paredes, os quadros, os livros e o tapete.

O telefone tocou. Delta estendeu o braço e atendeu-o.

“Triliriliring...” murmurou Jôni automaticamente, sonhadoramente.

Miguel olhou fixamente para ele e repetiu: Triliriliring!” com alegria.

“Triliriliring!” repetiu Jôni alegremente associando-se ao que lhe parecia uma brincadeira, mesmo sem entender o que era.

“Calem-se,” disse Delta que estava falando ao telefone.

“Tenho uma!” disse Miguel e falou algo no ouvido de Rafael. Depois, colocou, rapidamente, seu dedo indicador perpendicular aos lábios, indicando silêncio, até que Delta acabou de falar ao telefone.

“Que é que você tem,” disse Delta então, “exceto morcegos dentro da cachola?”

“Sinos no campanário,” disse Rafael rindo.

“Número 18,” disse Miguel. “O-ouçam. Dá-se a eles uma indicação ou indício sobre sinos ou campainhas. Alguém, em plena escuridão, numa distância de vinte ou trinta metros faz soar uma sineta: Triliriliring! A Patrulha procura localizá-lo, mas o Sineiro já se deslocou e faz sua campainha soar noutra direção e bem distante. A Patrulha volta-se para esse novo lugar e, assim, o Sineiro os guiará numa dança nas trevas durante 10 ou 12 minutos, agitando seu sininho com intervalos. Quando o tempo que tiver sido convencionado terminar ele deixa que a Patrulha se aproxime mais e atira junto a eles um pequeno pacote. O Sineiro se afasta silenciosamente, enquanto a Patrulha abre o pacote e descobre dentro dele a mensagem. Arrê! Arrê! Arrêêê!”

“Gostei dessa,” disse Jôni, “mas qual será o indício sobre sineta?”

“Del,” disse Pastel, “não poderia ser a letra daquela canção, daquele seu disco que nós tocamos várias vezes? Aquela opereta inglesa... Você sabe: A Ópera dos Miseráveis.”

“Essa eu canto!” disse Azul, e começou a cantar o dueto cômico de amor com sua voz bonita, convidando com a mão a Rafael para fazer a voz do soprano.

Azul: — “Posso ser enforcado!...”

Rafael: — “Também eu posso ser...”

Azul: — “Enforcado contigo...”

Rafael: — “Meu amor, que prazer... e disse no intervalo: “Vamos Delta!”) Delta juntou sua voz a Azul: — “Ó deixe-me pensar... Eu temo... Eu temo...”

“Eu já não sei! Eu desanimo... Eu tremo...”

“Vê! Não tenho coragem...”

Rafael: — “Não me amas, Amor?”

Os dois: — “Eu não tenho coragem...”

Rafael: — “Nem por prova de amor?”

Os dois: — “Adeus! Adeus! Nós não seremos assassinos!”

Rafael: — “Mas, ouça! É lindo o dobrar fúnebre dos sinos!”

“Excelente!” disse Delta com uma gargalhada, logo que o trio acabou de cantar.

“Era essa!” disse Pastel, feliz. “Serve?”

“Sim!” disse Delta. “É formidável! Agora vamos trabalhar.” Todos puxaram suas cadeiras de modo que se sentaram mais ou menos em círculo em torno de uma mesinha. “Devemos dividir os nossos indícios-chaves em três conjuntos. Sugiro que nós planejemos nossa primeira Caça esta noite e deixemos as outras duas para o próximo mês. Dica irá ler as pistas-chaves anotadas e nós decidiremos se cada uma delas será usada na primeira, segunda ou terceira Caça — a maioria decide. A primeira deve ser mais fácil (partir do nível de adestramento em que os rapazes se encontram) e a última mais difícil.”

Fizeram tal como fôra combinado e quando Dico acabou de tabular os resultados, eles deram a seguinte divisão:

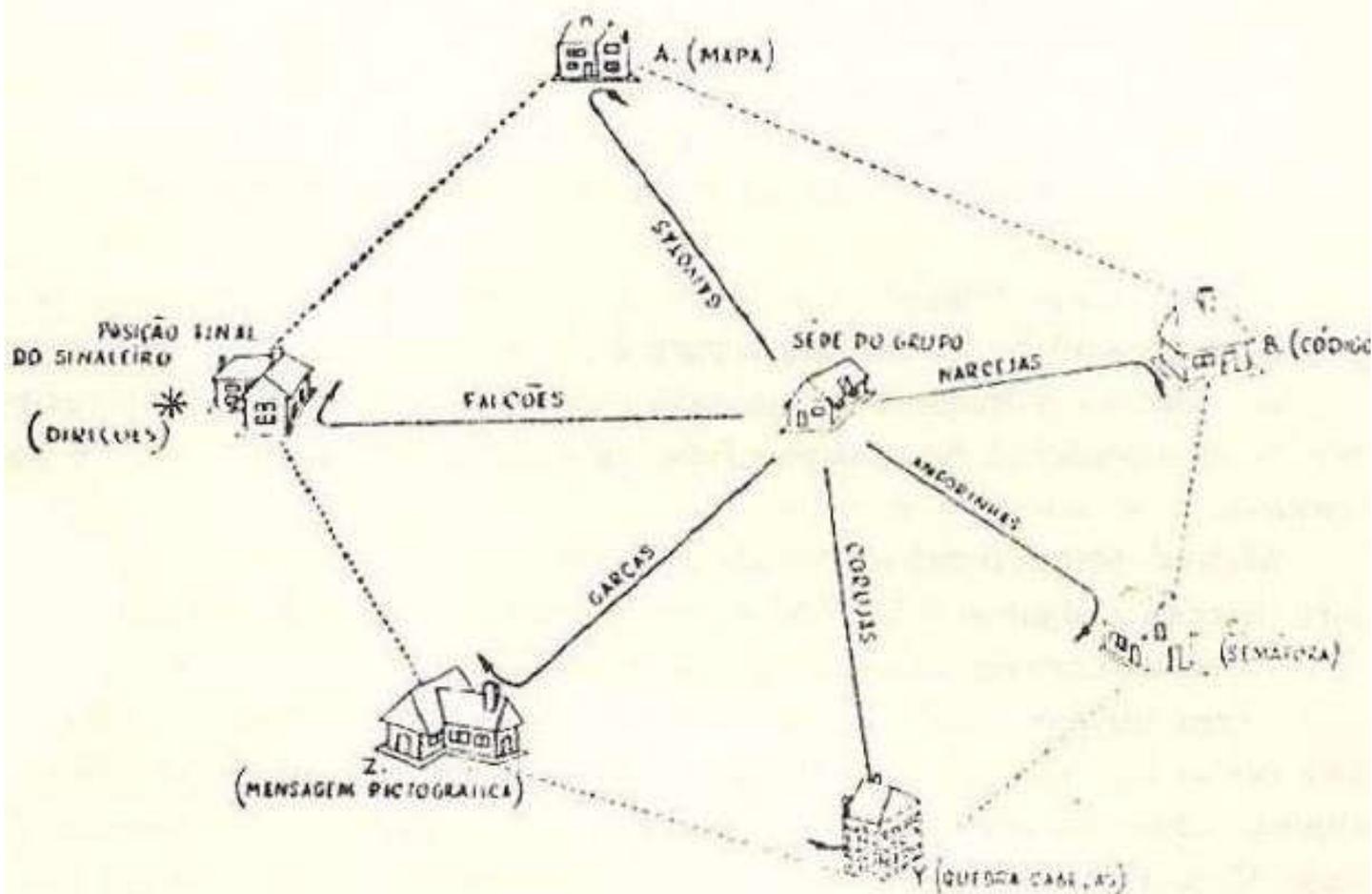
Primeira Caça — Código oficial da Tropa, Mapa, Semáfora, Quebra-cabeças, o Sineiro, A mensagem pictográfica.

Segunda Caça — Código numérico, Morse por som, Pergunta e Resposta, Procurar a mensagem escondida, Tinta invisível e Número de Telefone disfarçado numa frase.

Terceira Caça — Código com palavra-chave, Morse por luz, Acróstico, Sugestão Enigmática de Miguel, Subir na Árvore e Jornal espetado por alfinete.

“Espero que vocês não se importem,” disse Delta desculpando-se, “mas, para ganhar tempo, já consultei alguns amigos do Grupo sobre suas possibilidades de nos ajudar.” — e Delta deu os nomes de cinco pessoas, incluindo o Diretor Administrativo da Comissão Executiva, dois membros do Conselho de Pais, um pai de um antigo Escoteiro do Grupo que agora está fazendo o Serviço Militar e o Comissário Distrital que gosta muito de colaborar nesse tipo de jogos.

“Nós precisamos de um mapa para fazer o esboço de planejamento,” disse Azul, e quando Pastel abriu o mapa do seu Distrito, em grande escala, eles traçaram a rota da primeira caça, indicando antes por cruces onde moravam os Amigos que iriam auxiliar e que nós chamaremos aqui de A, B, C, Y e Z. Quando, no mês seguinte, eles fossem planejar a segunda e a terceira caças, convidariam outros Amigos para participar do jogo, não só como meio de manter os Amigos interessados, como para prover uma rota diferente.”



"Não importa o ponto em que cada Patrulha irá começar," disse Dico, adicionando ao mapa as setas que davam a direção do giro.

"Agora, vamos verificar o que acontece com as Patrulhas, para ver se tudo dá certo," disse Pastel.

"Peguemos os Andorinhas. Dar-lhe-emos o endereço de C quando eles começaram na sede da Tropa," disse Rafael.

"E também," disse Delta "uma nota informando: "Em cada base vocês devem anunciar o nome de sua Patrulha. O Escoteiro é cortês. Observe as outras Patrulhas. Até às 21 horas, quando, de volta à sede, vocês farão os relatórios, elas são Patrulhas inimigas."

"Em C," continuou Rafael, "eles recebem a indicação em Semáfora que os levará para Y, onde resolvem o Quebra-cabeças que indicará o ponto Z, onde a mensagem pictográfica lhes dirá para ouvirem um sino, o que significa que eles perseguirão Miguel até a posição X onde este lhes lançará o pacote. Qual o indício que vocês terão embrulhado para levá-lo até a posição A?"

“Primeira falha!” disse Jôni.

“Ora, Migo pode preparar uma mensagem com direções simples para as Patrulhas,” disse Delta, “Uma coisa assim: “Tome a primeira à esquerda, a segunda a direita, etc, etc, e vá até a casa que tem uma Araucária no jardim.”

“O.K.!” disse Miguel.

“Isto levará os Andorinhas para A,” continuou Rafael de novo, “onde recebem o mapa em que está marcado o ponto B, onde recebem uma mensagem no código oficial que os leva de volta à sede e ao tesouro.”

Miguel tinha ficado olhando cuidadosamente o plano no mapa para descobrir alguma falha. “Mas como faremos com os Falcões?”

“Que há com os Falcões?” perguntou Azul.

“Eles devem encontrar o Sineiro depois de sair da sede, mas nós não podemos lhes dar um endereço, como nos outros casos, pois o Sineiro não deve ser visto — só deve ser ouvido dentro da escuridão,” disse Miguel. “Isso depende de onde a perseguição começa, ainda que, sem dúvida, deva ser mais ou menos na mesma área. Sugiro que, ao sair da Sede, Delta lhes diga para caminhar 200 metros na direção Oeste (descendo a Estrada que passa na porta da Tropa) e abram então um envelope onde estará transcrita a canção-dueto da “Opera dos Miseráveis” ou, se quizerem, apenas o último verso: “Mas, ouçal É lindo o dobrar fúnebre dos sinos”. Eu estarei próximo e começarei tilintando.”

“Mas o que acontecerá com os Garças, que nesta mesma ocasião receberam o endereço de Z e lá uma mensagem pictográfica dizendo também para ouvirem os sinos?” perguntou Rafael. “Eles estarão, quase na mesma ocasião, procurando ouvir o som do sino próximo de Z.”

“Dois Sineiros!” disseram ao mesmo tempo Migo e Jôni, que, por isso trocaram um aperto de mãos.

“Sim,” disse Delta, “não é má idéia ter dois Sineiros, inclusive para o caso de uma Patrulha adeantar-se e alcançar a outra. Está certo! Vamos verificar a rota dos Falcões: Quando chegarem a Z receberão uma mensagem pictográfica especial, diferente das outras que manda-

vam ouvir o sino. A mensagem pictográfica deles os mandará para a sede e o Tesouro.”

“Aliás, todas as últimas mensagens, aquela que cada Patrulha, em todos os postos, receberá ao completar o seu sexto episódio, tem que ser diferente, mandando a Patrulha de volta à sede e ao tesouro,” disse Miguel que continuava a sua análise. “Os Falcões, ao chegarem a Z recebem uma mensagem pictográfica para voltar à sede; os Andorinhas ao chegarem a B decifram a mensagem em código oficial que os encaminha para a sede; os Narcejas recebem em A um croquí de mapa sem nomes onde uma cruz marca a sede; e os Gaivotas ao abrirem o pacote atirado pelo Sineiro, recebem as direções que levam à sede.”

“Exatamente, Migo,” disse Delta.

“Seria melhor que nós começássemos a preparar os indícios e mensagens. Cinco: mandando para o posto seguinte e uma: mandando para a sede,” disse Pastel.

“Muito bem,” disse Delta. Sugiro que cada um faça uma cópia do plano que fizemos sobre o mapa, para que saibam que indício ou mensagem deve ser dada para cada Patrulha que chegue. Não se esqueçam que às vezes uma Patrulha passa na frente da outra. E vamos dividir os postos: Dico, quer fazer as mensagens pictográficas? Pastel fica com a semáfora desenhada; Azul com o mapa sem nomes; Migo e Jóni serão os Sineiros, mas também irão preparar quer os pacotes do Sineiro, quer os quebra-cabeças na caixa de fósforo; Anjo ficará com a mensagem cifrada, usando desta vez o código oficial da Tropa. Todos de acordo?”

Todos aceitaram os encargos.

Mas, Miguel tinha uma nova questão: “Que deve ser feito se uma Patrulha passar muito tempo, digamos 30 minutos, e não conseguir decifrar uma mensagem, ou vier a se perder, nunca chegando ao posto seguinte?”

Delta orgulhou-se da vivacidade analítica de Miguel: “Excelente pergunta! Não nos interessa dar nenhuma facilitação ou ajuda às Patrulhas que ficarem o tempo todo sem decifrar uma mensagem, ou errem na decifração, ou se percam no percurso. Isto é problema delas.

Só errando é que se aprende. Não há nenhum perigo em se perderem porque toda a área do jogo é bem conhecida de todas as Patrulhas e relativamente próxima da sede. Quer fiquem paradas em algum posto (inclusive o primeiro de sua série), quer se percam no percurso e não achem algum dos outros postos, todas devem cumprir a ordem que será dada antes de partirem da sede: estar de volta à sede às 21 horas, mesmo que não tenham completado o percurso. Cada Monitor ao ver que já são quase 21 horas, e que, do lugar em que está, tem apenas o tempo justo para voltar, tem a responsabilidade de declarar encerrado o jogo e seguir o caminho mais curto para alcançar a sede da Tropa. Bem. Preparem as mensagens, etc., para a próxima semana, quando nos reuniremos na mesma hora e neste mesmo lugar para verificação do trabalho feito. Depois sairemos de bicicleta, fazendo o percurso, visitando e entregando as mensagens aos nossos amigos colaboradores e dando-lhes as informações que precisam para que tudo corra bem." E Delta encerrou a reunião dizendo: "Agora vamos ter o nosso café."

"Café e música." disse Azul. "Que tal ouvir alguns trechos da "Ópera dos Miseráveis"? E enquanto o café era servido e todos se sentavam confortavelmente, ele procurou os discos e logo depois o personagem Macheath estava cantando:

"Como serei feliz com uma ou outra, afinal

Quando uma dessas bruxas, com seus feitiços, afastar a outra..."

SOBRE A ORDEM DOS BOTÕES AZUIS

MAIO

Felipe, na sua visita semanal, encontrou neste anoitecer Delta, Jôni, Azul e Pastel felizes e sorridentes trabalhando no que lhe pareceu ser (e era) alguns botões azuis brilhantes e alguns botões escarlates brilhantes.

“Alô, Felipe,” disseram eles, enquanto Delta colocava sobre a mesa uns pedaços de cabo fino, azuis e escarlates, e uma grande tesoura.

Miguel, chupando pensativamente o seu lápis, tirou os olhos do caderno de notas para dizer: “Salve! jovial espírito!” antes de cair de novo na semiconsciência.

O novo e jovem Coadjutor puxou sua cadeira.

“Botões?” disse ele, num tom que era metade interrogação e metade constatação.

“Botões,” afirmou Delta gravemente.

“Botões,” repetiu Felipe, aceitando o fato com um sorriso.

“B-botões!” gritou subitamente Miguel como quem dá um viva! — e pulou excitadamente, ficando de pé, e de pé declamando: “Ela foi ao jardim cortar uma folha de couve para fazer uma torta de maçãs; e ao mesmo tempo uma grande urso, vindo pela rua, meteu, de repente, sua cabeça na loja. “Porque não sabão?” Então ele morreu, e ela, muito imprudentemente, casou-se com o barbeiro; e estavam presentes os Pequeninos, os Crescidinos e os Maiorinos, e o próprio Grande Panjandrum, com o botãozinho redondo em cima.” Após esse discurso Miguel fez uma cerimoniosa curvatura para cada um dos amigos e voltou ao seu caderno de notas, desligado do ambiente.

“Todos os bons escoteiros são loucos,” explicou, laconicamente, Delta.

“É verdade,” disse Pastel, “mas parece que ele nos arranjou o nome que precisávamos. Que acham disso: A Ordem do Grande Panjardrum Azul?”

“E a Ordem do Grande Panjandrum Escarlate,” murmurou Azul. “É! Eu acho excelente, Del.”

“Ótimo, sem dúvida,” disse Delta. “Penso que o nosso Migo Maluco novamente deu o estalo.”

“Vocês q-querem os melhores cérebros do mundo — nós os temos,” disse Miguel, aereamente, começando a escrever.

“Em terra de loucos, devemos nos fazer de loucos, para sermos normais,” disse Felipe. “Eles a tiraram fora de seus botões e cortaram ao léo suas listras; e enfrocaram Dino Divo na alvorada sinistra.” E após essa tirada sem nenhum sentido que Miguel aplaudiu com muitas palmas, mas sem tirar os olhos do caderno, Felipe continuou: “E agora algum dos meus caros amigos pode me dizer o que está acontecendo?”

“Esta é a Reunião anual de Tropa da Brigada Escoteira dos Melhores e Mais Sagazes,” disse Jôni.

“Obrigado pela claríssima informação,” disse Felipe.

“É apenas uma ideiazinha que tivemos,” disse Delta. “Olhe, eu posso dar a explicação, mas você tem que pagar sua entrada para ouvi-la, nos ajudando. Pegue um dos pedaços de cabinho que Jôni está cortando com a tesoura e amarre-o deste modo no buraco que está nas costas dos botões — é claro, da mesma côr. É assim, está vendo? Nesta época do ano é um hábito deste seu humilde criado persuadir, habilmente, a Corte de Honra a verificar e aferir a Tropa, particularmente no sentido do bom progresso ou da falta de progresso dos Escoteiros individualmente, de modo que as providências adequadas possam ser tomadas ou os incentivos necessários possam ser dados, porque muitas das tenras plantinhas escoteiras se enfraquecem e fene-cem devido à falta de uma judiciousa e oportuna nutrição... creio que perdi o fio do que estava dizendo e jamais poderei terminar esta frase, de modo que é melhor parar aqui e começar uma nova. Geralmente nós

examinamos e avaliamos a Tropa dando uma espécie de revisão e limpeza mental, e então procuramos colocar nos programas tudo aquilo em que eles se mostraram piores ou mais fracos. Por isso, os botões.”

Após uma pausa, disse Felipe: “Por isso, os botões. Muito claro, meu caro Sherlock Holmes. E agora, outro dos meus caros amigos poderá me dizer o que está acontecendo?”

“A idéia da Corte de Honra é esta,” disse Pastel: “fizeram uma lista dos pontos fracos da Tropa e o Migo está escolhendo os dez importantes e inventando dez maneiras de fortificá-los. Quando um escoiteiro tiver conquistado a perfeição nos 10 desafios de Migo ele será condecorado com a Ordem do Grande Panjandrum Azul e poderá usar o Botão Azul de Panjandrum em ocasiões muito especiais: no pijama, quando dentro de sua barraca; na capa-cobertor do Fogo do Conselho; e mesmo, quando estiver longe dos olhos do público (isto é, em locais desabitados ou desertos em que não haja uma casa ou uma estrada num raio de cinco quilômetros), por especial concessão, sobre o botão do bolso da camisa.”

“Estamos apenas explorando, tirando proveito das fraquezas humanas”, disse Delta. “Sendo a natureza humana como ela é, os escoiteiros farão tudo para conquistar esse botão, que, intrinsecamente, não tem nenhum valor, mas que aos seus olhos será valiosíssimo. Desafio, orgulho, vaidade, cobiça de possuir, vontade de vencer... tudo isso explica as forças que movem os homens.”

Miguel, sem tirar os olhos do caderno, declamou um trecho dos “Lusiadas”, de Camões, a meia voz:

“Ó glória de mandar, ó vão cobiça
Desta vaidade a que chamamos fama,
Ó fraudulento gosto, que se atíça,
E que na aura popular, Honra se chama!”

“Agora sim,” disse Felipe. “Estou compreendendo. Congratulações. Sinceras congratulações. Poderá minha Tropa tirar proveito disso também?”

“Sem dúvida,” disse Delta, “qualquer Tropa — e quantas mais, melhor.”

“Aqui estão as 10 exigências, as 10 qualificações,” disse Miguel, largando o lápis e com um ar de satisfação. “Vamos precisar de muitas cópias datilografadas (outro servicinho para a garota que é namorada do Azul), de modo que cada escoteiro receba uma cópia.”

“Vocês sabem — eu acho que vale a pena mandá-las pelo Correio,” disse Delta. “Impressiona muito mais, e nós devemos fazê-los como um rolo de pergaminho com uma fita azul em torno, presa com um selo de lacre estampado na forma do botão. Gastaremos umas duas noites fazendo isso.”

“Vou lê-las em voz alta,” disse Miguel. “É claro que podem ser feitas em qualquer ordem. Um: Fazer uma escada de cabo.”

“Por que?” perguntou Felipe. “Eu não sei fazer uma escada,” adicionou ponderadamente.

“Na verdade,” disse Delta, “isto apareceu no contexto de um Grande jogo durante o acampamento e ninguém conseguiu fazê-la bem feita. Ora, eu creio que qualquer coisa que tenhamos de fazer no Escotismo, devemos fazê-la muito bem. Justifico, portanto, a exigência de fazer uma escada, apenas, porque é uma daquelas idéias práticas que razoavelmente se espera que um escoteiro conheça, enquanto que ninguém pode esperar que seja conhecida por um não escoteiro.”

“É também um bom modo de se tornar realmente familiar com o nó de correr, que é o nó com que se prende o degrau da escada.”

Felipe sorriu disse: “Retiro o voto de desconfiança. Vou procurar também tornar-me um portador do Botão Azul de Panjandrum. Qual é o próximo, Migo?”

“Dois: Ser capaz de apontar três constelações quaisquer que nesta época são vistas no céu noturno,” disse Miguel.

“Isto eu posso fazer,” disse Felipe alegremente. “Uma das poucas coisas, fora da teologia, que eu conheço bem.”

“Você justifica os versos: “O Capelão é o piloto — que para o céu leva as almas” — disse Jôni rindo.

“Isto também é um quesito para conquistar a Especialidade de Cosmógrafo,” murmurou Delta, “mas ainda não falamos à Tropa sobre isso.”

“Três:” disse Miguel. “Ser capaz de desenhar de memória os sinais convencionais de um mapa meteorológico. Quatro: Saltar com auxílio das mãos uma cerca de madeira ou um muro de 1 metro e 20.”

“Queremos,” explicou Delta sobre os dois ítems, “toda a Tropa conscientizada (para usar a gíria moderna) sobre qualquer tipo de mapa. No outro damos aos sujeitos de tipo intelectual uma atividade física que podem aprender facilmente, dado que saltar usando as mãos, para os que são ginastas, é sopa.”

“Cinco: Afiar um machado,” disse Miguel. “Nossa Tropa irá ser uma das que o Comissário Distrital (ou o Escoteiro-Chefe) pode pedir para inspecionar os machados em qualquer ocasião sem correr o risco de sofrer um ataque cardíaco – por ver o machado manchado e mal afiado.”

“O Comissário Distrital e o Escoteiro-Chefe que exigirem das Tropas uma excelente apresentação do material, machados inclusive, estão absolutamente certos,” disse Felipe. “Mas, para que todos escoteiros aprendam fazendo vocês vão, precisar de um grande número de machados, não é?”

“Realmente,” disse Delta. “Muitos dos nossos escoteiros tem suas próprias machadinhas. Mas nós estamos dispostos a sacrificar dois velhos machados para o bem geral. Eles já prestaram bastante serviços, e agora, após cada afiação, serão severamente embotados para ficarem prontos para a próxima ocasião, para um novo escoteiro aprender a afiá-lo. Faremos até alguns dentes, batendo com o seu fio numa pedra. Vale a pena fazer isso.”

“Seis: Pregar um botão; lavar e passar o seu próprio lenço.”

“Uma lição que nós trouxemos do acampamento,” disse Delta. amargamente. “A maior parte dos pais irão cooperar ensinando seus próprios filhos. Minha mãe cuidará dos outros. Um escoteiro deve ser capaz de fazer esses pequenos serviços em seu próprio benefício – e de saber fazê-los bem.”

“Concordo inteiramente,” disse Felipe, “falando com a experiência de um celibatário por voto religioso.”

“Ultrapassar um muro de três metros com o auxílio de bastões, é o sétimo,” disse Miguel. “Este tem que ser um esforço conjunto da Patrulha, Del.”

“Está bem,” disse Delta. “Cada um dos membros, de cada vez, participará de modo diferente, quer mantendo os bastões, quer galgando o muro.”

“Suponho,” disse Felipe maldosamente, “que você já tem um grande estoque de muros de mais de três metros, escondidos na manga do casaco, como fazem os mágicos, não é?”

Delta respondeu: “Eu não tenho, mas um dos membros de minha Comissão Executiva, possui uma pequena fábrica que é cercada por muros da altura que desejo. Se ele não tivesse os muros de três metros, tenho certeza que cedo encontraria alguém que os tivesse — e você só terá o trabalho de explicar tudo acerca do Escotismo e convidar para vir assistir uma reunião de Tropa quando quiser obter o auxílio de alguém. O país inteiro está reluzente de oportunidades de ouro que o Escotismo não usa — porque não se lembra de usar ou porque tem acanhamento de pedir ajuda.”

“Oito:” disse Miguel, “Fazer todos os nós de Noviço em menos de um minuto.”

“Apenas o polimento de uma habilidade que todos têm,” disse Jôni como se falasse consigo mesmo.

“Nove: Fazer uma das seguintes coisas: a) um planador aéreo com madeira de balsa; b) meia dúzia de saquinhos de pano para guardar peças do seu material leve de acampamento; c) Fazer um cabo com falça numa extremidade e alça costurada na outra.”

“Isto lhes proporciona,” disse Delta, “a escolha de algo que possam fazer sozinhos. E qual é a décima, Migo?”

“Fazer uma Boa Ação verdadeiramente especial, de alta qualidade,” disse Migo.

“Quem julga se a Boa Ação é de especial qualidade?” perguntou Felipe.

“O próprio escoteiro julga,” disse Delta com firmeza.

“Como e quando você sabe que ele a fez?” voltou a perguntar Felipe um pouco embaraçado.

“O escoteiro diz que fêz,” disse sorrindo Delta. “De fato, ele nem chega a dizer, pois marca, ele mesmo, o décimo item quando tiver feito a Boa ação. Ninguém saberá qual é.”

Por um momento houve um silêncio.

Jôni, profundamente concentrado no seu trabalho com os botões, murmurou; “O Escoteiro tem uma só palavra e sua honra vale mais do que a sua própria vida.”

“Sim...” disse Felipe vagarosamente. “Compreendo.”

“Vamos,” disse Pastel, “terminar estes botões. Eu tenho que ir ajudar a sua turma, Felipe.”

Delta nada disse: estava, desde algum tempo, consciente de que o destino de Pastel se orientava numa certa direção.

“V-você acha que está bom, Del?” perguntou Miguel, repentinamente, com aquela timidez que, às vezes, mostrava.

“Está excelente, Migo.” disse Delta. “Você pode deixar para outra ocasião a lista das exigências para ganhar o botão escarlata. E depois nós informaremos Felipe sobre o que for decidido, para que aplique em sua Tropa, se quiser.”

SOBRE PASTEL

JUNHO

Aconteceu dias antes do meio do ano, da festa de S. João.

Delta, ao voltar para casa, depois de passar o portão do seu jardim, parou e olhou, por um momento, para o céu salpicado de reluzentes estrelas, antes de abrir a porta e deixar, quase com relutância, a beleza da noite prosseguir na ronda eterna dos astros.

Sua mãe veio recebê-lo com sua benção; ele pôs a mão fria no seu rosto e beijou sorrindo sua face. "Pastel está esperando por você na sala, meu filho," disse ela.

"Eu sei. Ele telefonou para mim. Lamento ter hoje me atrasado tanto," disse Delta.

"Seu jantar está pronto para ser servido," disse ela. "Não pude esperá-lo para jantarmos juntos, querido, porque já vou sair. Hoje temos a reunião da Comissão Diretora do Hospital."

"Irei buscá-la na hora habitual," disse Delta. "Vou falar com Pastel para que ele me espere mais um pouquinho e irei comer."

Entrou na sala, onde Pastel lia, confortavelmente, uma revista.

"Alô, Del!"

"Como vai, Pastel! Peço desculpas pelo atraso. Vou jantar num momento e já volto para conversarmos. É servido?"

"Obrigado, Del. Já jantei. Não precisa correr."

A mãe de Delta, agasalhou-se e saiu para a sua reunião. Delta jantou, rapidamente, e veio tomar seu café na sala, trazendo outra xícara para Pastel. Sentaram-se, frente a frente, cada um saboreando o café bem quente, em pequenos goles. Delta, acendeu seu cachimbo e

disse sorrindo para seu sênior: "Ao seu dispor, Pastel. Que é que você quer falar comigo?"

Pastel pareceu hesitar um momento, mas principiou: "Não é nada de grave. Del."

"Eu não imaginei que fosse grave..." disse Delta. E houve uma pausa.

"Quero sair do Grupo," disse Pastel bruscamente.

"Sim?..." disse Delta como que fazendo um convite para que continuasse a falar.

"Não me interprete mal, Del," disse Pastel. "Não estou dizendo que vou deixar o Escotismo. Quero que você me deixe sair para ser Assistente de Chefe Escoteiro na Tropa de Felipe."

"Deixar você ir?" perguntou Delta. "Como posso impedi-lo?"

"Basta dizer – Não!" disse Pastel, olhando-o de frente, lealmente.

"Se eu disser – Não – você permanecerá no nosso Grupo?"

"Você sabe que eu continuarei," disse Pastel e prosseguiu, mostrando-se, sem querer, um pouco desapontado e incerto: "Você é o meu Chefe. E sempre será. Você não quer que eu vá?"

"Tome um pouco mais de café," disse Delta servindo-o com a cafeteira. "Ao contrário, Pastel. Eu quero que você vá! Mas, também não me interprete mal... não o estou mandando embora," disse Delta sorrindo.

"Compreenda, Del," disse Pastel. "Sou um pouco mais velho que os outros. Completo 18 anos no dia 1º de agosto. E Felipe precisa de alguma ajuda. Você não me acha capaz de ser um Assistente?"

"Você será um ótimo Assistente de Chefe Escoteiro!" disse Delta decisivamente.

"Não penso," disse Pastel, com toda a honestidade, "que possa algum dia dirigir uma Tropa ou um Grupo. Acho que nasci para ser Assistente."

"É," disse Deilta. "Talvez você seja assim. Mas ser um bom Assistente é também uma coisa admirável."

"O que eu quero dizer," prosseguiu Pastel explicando seus próprios pensamentos, "é que camaradas como o Anjo ou mesmo o jovem

Migo — têm algo que eu não tenho. Eu posso imaginá-los dirigindo um Grupo Escoteiro...”

“Bem, já que estamos conversando confidencialmente, eu, você, os móveis e as paredes e, nem a sala, nem nós, iremos comentar isso com outros, penso que Migo pode vir a ser, algum dia, um Chefe de Grupo. O Anjo, acho que não será. Talvez um dia, bem mais tarde, ele venha a ser um Comissário de primeira qualidade.”

“Oh! eu jamais subirei a tanto,” disse Pastel.

“Não sei porque você diz — subirei, disse Delta acicamente. “Será que nalgum lugar de sua mente se oculta a idéia de que um cargo é de mais elevada categoria do que o outro? Não existe, no Escotismo, esse tipo de “hierarquia”. Há disciplina, sem dúvida, há obediência, pois, sem isso, seria o caos em vez da ordem. Não há castas, nem carreiras de postos sucessivamente mais elevados, para serem conquistados por antigüidade e merecimento, que confirmam ao indivíduo que os atingiu um título vitalício de nobreza e a impossibilidade “descer” e aceitar cargos menores. Um Monitor pode voltar a ser um membro da mesma Patrulha sem nenhum desdouro. Um Escoteiro-Chefe não precisa ter galgado, sucessivamente, cargos Distritais, Regionais e Nacionais. Um Comissário Nacional pode ser, ao deixar este cargo, um Escotista de Tropa. Que eu jamais ouça você dizer algo semelhante ao que certa vez ouvi, por acaso, um medíocre Comissário dizer de outra pessoa: “Ele é apenas um bom Chefe Escoteiro.” Apenas? Deus misericordioso! Ser um bom Chefe Escoteiro é ser um eleito da Divina Graça. Tal como o vejo, no nosso Movimento, Pastel, há várias funções que devem ser desempenhadas por adultos: há funções administrativas no Distrito ou Região; há funções de secretaria; há cargos que são para cuidar de crianças; há cargos que exigem compreensão e simpatia pelo jovem adolescente. E há muitos outros, sem dúvida. Cada um deles exige um certo tipo de caráter, ou de aptidão, ou de circunstâncias. Somos todos irmãos e, como a maioria dos irmãos, às vezes estamos em desacordo e brigamos! Mas cada um de nós em particular deve exercer o cargo para o qual se sente chamado; o cargo que melhor se ajusta aos nossos talentos e à nossa experiência de vida. Qualquer

cargo, no Escotismo, deve ser uma vocação. Um bom Assistente de Chefe Escoteiro é o sal da terra — mas o mesmo se pode dizer do bom Comissário, do bom Akela ou do bom Diretor. Você nunca deve ficar tentado a abandonar um cargo no Escotismo que você sabe que está desempenhando bem, porque entrou no seu cérebro a idéia mentirosa de “promoção”. Isto não quer dizer — é claro — que ao ficar mais velho e mais maduro, um homem não se encontre melhor capacitado para uma mudança de cargo escoteiro. Isso às vezes acontece; outras vezes não. Mas é sempre uma mudança no mesmo nível — não galgando uma escada. Na verdade, os melhores Comissários, no íntimo de seus corações, provavelmente desejariam serem bastante bons para dirigirem uma Tropa e considerariam uma promoção serem capazes de assumir esta responsabilidade! O que é importante é somente isso: que você saiba fazer a sua tarefa, como Comissário de Distrito, ou como Assistente de Chefe Escoteiro, ou como Diretor de Curso Básico, ou em qualquer cargo que você tenha — altruisticamente, generosamente e entusiasticamente — e saber abandonar o cargo no momento em que você sente que está caindo do alto padrão que, em 99% dos casos a pessoa apresenta no começo. Não penso que, de forma alguma, um Comissário Distrital ou um Chefe Escoteiro seja maior do que um Assistente de Chefe Escoteiro. Cada um tem uma função a realizar: a única coisa que importa é que a cumpra com perfeição.”

Pastel estivera ouvindo com grande atenção e agora, por alguns momentos, ficou em silêncio, pensando no que Delta havia dito.

“Compreendo,” disse ele por fim. “Sabe, Delta, tenho mudado muito ultimamente. Quando me tornei escoteiro, vim porque conhecia Azul e achava que o Escotismo seria uma coisa divertida. Aposto que, no princípio, você deve ter-me julgado uma pestinha teimosa. Realmente achei o Escotismo divertido, porém, descobri que era muito mais que isso: era também infernalmente excitante. Suponho que nunca fui mais feliz na minha vida do que na época em que fui escoteiro. Sem dúvida, estava numa boa Tropa. Mas, ultimamente, tenho come-

çado a ver que há algo no Escotismo, muito mais do que eu pensava haver.”

“Acho que cada jovem vê o Escotismo de um jeito,” disse Delta, escolhendo as palavras que melhor pudessem ajudar Pastel, porque cada rapaz precisa também de uma forma diferente de se abordar um assunto. “O que se deve ter em vista é o objetivo a alcançar. O Escotismo se tornou, com o passar dos anos, uma coisa muito maior do que no princípio pretendia ser. Um dos meus hinos religiosos favoritos começa com estas palavras: **“Deus, para realizar suas maravilhas, age de forma misteriosa.”** De fato, uma ou duas vezes na minha vida eu agarrei-me a esta fé e a esta esperança, quando não me parecia haver mais nada em que pudesse me agarrar. Todos nós temos épocas difíceis, Pastel. E dou meu testemunho de que o salmo diz a verdade. Pois bem! Penso que o Escotismo é, por assim dizer, um dos Seus misteriosos modos de agir: que a meta final do Escotismo está muito além e muito acima daquilo que podemos ver, que é formar homens que tenham confiança em si e vivam decentemente. Aqui ou algures temos um lugar no Seu plano — e, mesmo que você seja tecnicamente eficiente, jamais será o Assistente de Chefe Escoteiro que deseja ser, se não tiver esta verdade na mente o tempo todo. Como Escotistas, somos meros instrumentos de Deus.”

Por alguns momentos nenhuma voz se ouviu, exceto a do vento na folhagem das árvores.

“Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para cumprir o meu dever para com Deus,” disse Pastel suavemente. “Acho que cada um de nós tem que encontrar sua própria maneira de cumprir este dever.”

“Todos nós temos que fazer um esforço para descobrir o que Deus deseja que se faça — e, fazer isso, é o nosso dever para com Deus,” disse Delta. “Eu penso assim: temos uma missão.”

“Acho que, ultimamente, comecei a descobri-la,” disse Pastel, “e irei me esforçar para realizá-la.”

Pastel levantou-se e sorriu para Delta. “Acho melhor ir para casa, senão ficarei atrasado. Vou sair com a turma para ir a uma festa junina.

No dia de S. João viremos todos aqui comer as suas castanhas e rabanadas," disse com um riso aberto.

Estirou os braços, espreguiçando-se com satisfação. Relaxando o corpo, livrou-se da tensão emocional daquele diálogo.

Delta caminhou com ele até a entrada da casa. Pastel enrolou seu longo cachecol em torno do pescoço e cruzou cuidadosamente as pontas. Depois vestiu o abrigo. A primeira onda de frio deste inverno viera cedo e acompanhada de um vento gelado. Pararam na porta por um momento, vendo a cintilação das estrelas.

"Que noite linda!..." disse Pastel. "Boa noite, Del. Muito obrigado." Depois de passar o portão, fez ainda um aceno de mão, e foi embora.

Cabe uma homenagem pela iniciativa do chefe **Sauro José Bartolomei**, que nos legou uma bela coleção de livretos muito úteis para o desenvolvimento do escotismo brasileiro.



**CHEFE ESCOTEIRO
LEIA TODA A SÉRIE
OPINIÕES DE DELTA**

1. Sobre o Planejamento dos Programas de Tropa
Sobre as Tradições da Tropa
Sobre Pais, Conselho de Grupo e Comissão Executiva de Grupo
2. Sobre uma Jornada de Segunda Classe
Sobre o Modo de Contar Estórias
Sobre os Acampamentos de Fim de Semana
3. Sobre Fogos de Conselho
Sobre Reuniões de Patrulha
Sobre o Cumprimento da Lei Escoteira
4. Sobre o Modo de Tocar a Própria Trombeta
Sobre os Caderninhos de Notas
Sobre o Jogo do Kim
5. Sobre Uma Caça ao Tesouro
Sobre a Ordem dos Botões Azuis
Sobre Pastel
6. Sobre a Jornada de Primeira Classe
Sobre a Conquista da Primeira Classe
Sobre os Seniores
7. Sobre a Alcatéia
Sobre a Especialidade de Aventureiro
Sobre o Noviço Tim
8. Sobre Azul
Sobre a Insígnia da Madeira
Sobre a Reunião Anual do Grupo